

XIV JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO OESTE BAIANO - 2022

“Bicentenário da Independência: 200 anos de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil sob o olhar do oeste baiano”

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E A CULTURA DE
EMBRANQUECIMENTO RACIAL: UMA ANÁLISE POÉTICA**

Beatriz dos Santos¹

Ingrid Aparecida¹

Kaillane Guedes¹

Suelene Paranaguá¹

Vilma Larissa Albernaz¹

Atauan Soares de Queiroz¹

Gerson do Carmo Argolo¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar um dos poemas da obra *“Eu não vou mais lavar os pratos”* e observar as diferentes formas como o racismo estrutural e a cultura do embranquecimento racial se apresentam no cotidiano da mulher negra, e compreender a forma como a resistência se faz presente, influenciado de forma positiva a cultura de pessoas negras. O mundo todo é refém de padrões estéticos e corporais, com significativos números de pessoas brancas que são endeusadas. Dessa forma, a mulher preta acaba não sendo um espelho para outras mulheres, tornando-se um corpo e uma existência fora do padrão. Por meio da análise da poesia

¹ Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus Barreiras

“Visão”, de Cristiane Sobral (2010), a partir de pesquisas bibliográficas, o presente trabalho desenvolve reflexões sobre a cultura racista e patriarcal brasileira e as tentativas de embranquecimento impostas pela sociedade às mulheres negras.

OBJETIVO

O presente artigo tem por objetivo analisar os discursos de embranquecimento que são expostos por meio de enunciados racistas, coloniais e sexistas, colocando em pauta a resistência preta perante a essas manifestações preconceituosas a partir da análise da poesia, “Visão”, de Cristiane Sobral (2010). O estudo é de natureza bibliográfica, de cunho exploratório, e dialoga teoricamente com as autoras Bell Hooks (2000) e Djamila Ribeiro (2019).

METODOLOGIA

Como base bibliográfica para as análises deste trabalho, utilizou-se da produção intelectual das autoras Bell Hooks (1981) e Djamila Ribeiro (2020), para que fosse possível problematizar os discursos de embranquecimento num país estruturalmente e culturalmente racista.

RESULTADOS

Em termos macroestruturais, o poema “Visão” aborda o tema da identidade da mulher negra e a cultura do embranquecimento racial, retratando várias questões relacionadas à desmistificação do padrão eurocêntrico de beleza. Trazemos as metáforas iniciais do poema:

Visão

“Tempestade cerebral na minha massa cinzenta

A hora escura

A coisa preta

O dia de negro

Deu branco! [...]”

“Com tanta futilidade e senso estético europeu
Com tantas teorias arianas
Fiquei entediada
Cega em meio a claridade [...]”

O fragmento em tela apresenta de forma antitética o uso da palavra “escuro” que dá margem para desmistificação da ideia de que essa palavra está atrelada a coisas ruins. Em contrapartida nesses mesmos versos é possível observar o discurso de embranquecimento que são instituídos na vida de mulheres pretas todos os dias, uma vez que a mídia e a sociedade alimentam nessas mulheres o senso de beleza eurocêntrico que impulsiona a ideia de supremacia branca, fazendo com que essas pessoas reproduzam certos padrões e não consigam se posicionar diante de si e da sociedade. Em seguida, a autora revela:

“De repente tive um escurecimento:
Tá faltando preto na televisão
Na presidência
Na cabeça mestiça que sonha em ser branca
Do Brasileiro [...]”

A palavra escurecimento apresenta um neologismo semântico que é quando um novo sentido é atribuído à palavra, sendo descrita como uma tomada de consciência da cultura e raízes, ou seja, revela-se o empoderamento a partir de um posicionamento político do que é ser negro e os mecanismo criados para resistir a esse preconceito presente em toda sociedade. O poema também denuncia a falta de representatividade negra dentro dos planaltos e câmaras de vereadores e deputados, que são compostos majoritariamente por homens brancos heterossexuais, que representam os interesses da parcela branca da sociedade. A expressão "cabeça mestiça que sonha em ser branca" problematiza a idealização dos padrões brancos que são inculcados desde a infância na vida de pessoas negras, ditando que o cabelo belo é o liso, e que o estilo correto deve seguir as tendências europeias. Em seguida, a autora reafirma:

“Tá faltando preto na televisão
 Na verdade do país
 Preto amarelo marrom e colorido
 Neste país tão lindo e poderoso
 Cheio de beleza preta
 De felicidade guerreira
 De sabedoria negra
 Escureceu?”

O eu lírico intensifica a denúncia da falta de protagonismo negro na televisão e no país em geral, com uma sociedade composta em sua maioria por pessoas negras, mas o destaque é dado para pessoas brancas. Nessa estrofe, o escurecimento retorna como neologismo semântico, com o eu lírico substituindo o marcador linguístico "entendeu", de uso comum, por “escureceu”, mostrando o escurecimento como filosofia de vida, uma política de transformação. Nesse sentido, as pessoas são transformadas quando vivenciam o processo de autoaceitação. Dando continuidade, o eu lírico realça tal filosofia de vida:

“Pura filosofia
 meu cabelo escuro, crespo, alto e grave
 quase um caso de polícia
 em meio à pasmaceira da cidade
 incomodou identidades e pariu novas cabeças [...]”

Nessa estrofe o eu lírico reafirma sua identidade por meio do verso "meu cabelo escuro, crespo, alto e grave", e coloca que o cabelo, em meio à “pasmaceira da cidade”, conseguiu voltar atenções para si, incomodando identidades e inspirando outras mulheres a assumirem seus cabelos naturais (pariu novas cabeças). A utilização da metáfora “parir novas cabeças” insinua a mudança social através das representações, inclusão e do reconhecimento das pessoas negras em todos os âmbitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, foi possível observar, ao longo deste trabalho, como a cultura do embranquecimento racial no Brasil afeta diretamente as mulheres negras num âmbito social. Estudar e compreender essas dinâmicas raciais que estruturam a sociedade como um todo é necessário não só para construirmos um mundo sem racismo, como também um mundo de respeito e admiração pela história e traços culturais da identidade negra. Escurecer é um ato político.

REFERÊNCIAS

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Fundação Rosa dos Tempos, 1ª Edição, 2018.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.